

## **CORPO EM PAUTA: O MITO DA ASSEXUALIDADE EM IDOSAS**

Larissa Pedroza da Silva Vieira; Alessandra Karla Siqueira Ferreira; Manuella Cândida Cardoso; Natália Maria da Silva; José Antônio Spencer Hartmann Júnior.

*Universidade de Pernambuco – larissa.lalap@hotmail.com*

### **INTRODUÇÃO**

Durante a evolução da história da humanidade a mulher lutou para obter seu espaço e seu reconhecimento diante da sociedade, reconhecimento este que em muitas civilizações antigas já obtinha, porém com o advento da Igreja Católica foram introduzidos novos conceitos, os quais acabaram mudando o papel da mulher no seu meio social, incluindo a forma de se comportar, lidar com o corpo, com a sexualidade, como se posicionar politicamente e socialmente, entre outros fatores. As mulheres que não se encaixavam nesses novos conceitos eram consideradas transgressoras, sendo assim perseguidas. A partir do século XVII, porém, iniciou-se a luta pelos direitos das mulheres, o que pode ser percebido através da literatura da época. As lutas e reivindicações que seguem até o momento atual permitiram à mulher – assim como também provoca a sociedade – pensar o seu papel político e social, conseguindo assim grandes avanços.

Apesar da contínua luta, outros obstáculos surgem como é o caso da ideia de corpo ideal estabelecida culturalmente, na qual a juventude é exaltada: a mulher jovem, fértil, magra, branca é tida como perfeita através do padrão midiático. Tal discurso, no qual apenas um seleto grupo se encaixa, mostra como a sociedade estabelece mecanismos de controle sob o corpo feminino. Todos os grupos de mulheres que não se encontram dentro da norma são afetados. A partir disso, o presente artigo visa destacar dentre tais grupos as mulheres idosas, tendo por objetivo compreender a influência da sociedade sobre a vivência do corpo e da sexualidade nessas mulheres.

Dessa forma, este trabalho pode provocar reflexões naqueles que o leem, possibilitando-os identificar os mecanismos de controle existentes referentes à temática aqui abordada e posicionar-se frente a eles. Além disso, o profissional de psicologia e

todo aquele que trabalhe com idosos, poderá repensar a sua prática a partir das questões aqui levantadas.

## **METODOLOGIA**

Este artigo resulta de pesquisa bibliográfica feita a partir de livros, revistas científicas eletrônicas e sites de publicação de artigos científicos como o Scielo, Lilacs e Pubmed, configura-se como de cunho qualitativo, por este último tratar-se, segundo Minayo<sup>1</sup>, de um método que abarca as instâncias da subjetividade humana, possibilitando a compreensão dos significados atribuídos pelos indivíduos, corroborando com o pensamento aqui construído, o qual considera o corpo e a sexualidade a partir da subjetividade. Entendendo que a velhice não se restringe a uma etapa de decadências físicas e perdas de papéis sociais, mas é possibilidade de vivenciar a sexualidade de forma plena, a premissa é a de que o discurso de ideal de corpo feminino influencia à não expansão da sexualidade na idosa. Dessa forma, sentiu-se a necessidade de conduzir o estudo através de uma perspectiva histórica para melhor compreensão dos fenômenos atuais.

## **DISCUSSÃO**

No decorrer da pesquisa, estudos observaram que antes da concepção de pertença da mulher ao marido, ou a qualquer outro membro do sexo masculino de sua família, a figura feminina era cultuada como a detentora da fertilidade e das boas novas em relação à perpetuação da raça, além de, muitas vezes, chegar a cargos estratégicos de liderança, onde suas opiniões e decisões eram tidas com respeito pela sua sociedade. A observação desses fenômenos ao longo da história demonstra que o papel feminino na sociedade nem sempre foi algo determinado por concepções patriarcais, sendo essas ideias transformadas ao longo do tempo e de acordo com cada organização social.

A perpetuação da ideia da mulher enquanto inferior era corroborada pela religião e pela medicina que juntamente aos estudos acerca do corpo da mulher trouxeram um padrão de corpo específico para geração de filhos perfeitos. Esse corpo feminino

encaixar-se-ia como ideal – gerador de saúde e fértil – apenas se fosse exclusivamente usado para procriação. Acreditava-se que qualquer falha moral ou física dos filhos era culpa das mães, uma vez que estas eram designadas para total e exclusiva harmonização do lar, enquanto as qualidades e os bons feitos dos filhos seriam advindos da boa influência dos pais. Aquelas mulheres que permaneciam solteiras ou que se casavam, porém não tinham filhos, eram vistas com desconfiança por consideração que estas mulheres não faziam uso adequado de sua sexualidade.

Na contramão do pensamento patriarcal, o Movimento Feminista, em especial nos Estados Unidos, na década de 1960, proporcionou avanços na causa como o uso da pílula anticoncepcional<sup>2</sup> – dando à mulher poder de escolha quanto à procriação e evidenciando o sexo enquanto atividade também destinada ao prazer –, melhores condições de trabalhos, luta pela equiparação de salários, entre outras conquistas.

As evoluções na luta feminista possibilitam às mulheres ter um pensamento crítico em relação aos mecanismos de controle corporal. Perceber essa forma de controle mostra-se relevante para que as mesmas mulheres que décadas atrás foram a vanguarda das lutas femininas, hoje consigam entender como atuam esses mecanismos de controle sobre seu próprio corpo, além de também auxiliá-las no empoderamento de outras mulheres. Algo que o feminismo, a gerontologia e os demais campos que lidam com idosas tentam desconstruir é a crença de que a sexualidade da mulher idosa não existe. Essa ideia é reforçada a partir do conceito de que seu desejo sexual é extirpado assim que começa a menopausa, uma vez que para toda mulher a sexualidade está, segundo Muriel Dimen<sup>3</sup>, intrinsecamente associada à reprodução tal como está instituída, independentemente de idade e opção sexual.

Afirmar que as mudanças fisiológicas e anatômicas que ocorrem no corpo da mulher durante o climatério não interferem no seu desempenho sexual seria uma inverdade, porém a redução do corpo da idosa a tais aspectos através do discurso social podem ser limitantes, uma vez que reverberam psicologicamente no sujeito. O saber científico reconhece atualmente que não há esgotamento da sexualidade com o passar dos anos, ao contrário da fala instituída. Porém, devido à influência advinda da sociedade

as próprias idosas acabam por acreditar e reproduzir esta visão acerca do corpo em envelhecimento e da sexualidade nesta etapa, sendo necessário trabalhar com estas mulheres formas para a manutenção da vida sexual através de questionamentos das normas instituídas repassadas a essas mulheres e que servem de base para o seu conhecimento acerca da sexualidade.<sup>4</sup>

Relatórios recentes da OMS, divulgaram um aumento expressivo de casos de HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis por pessoas acima dos cinquenta anos, cujos fatores que levaram a tal aumento são dos mais diversos, grande parte se deve ao fato de acreditarem que depois de certa idade a proteção não seja mais necessária por conta da idade e das praticas sexuais serem menores do que a de alguns anos atrás. Isto reflete a falta de debate sobre o corpo que envelhece e que é também um corpo ativo sexualmente.

Para além da necessidade de se discutir as modificações corporais de mulheres idosas, precisa-se, também, refletir acerca da sexualidade como sendo algo que ultrapassa os limites do próprio corpo, não reduzindo-se apenas a ereções e orgasmos. Sobretudo na velhice, a sexualidade diz de sentir o/ com o outro, de tocar e ser tocada, de olhares cruzados e de sentir prazer; prazer não necessariamente relacionado à cópula. Além disso, sexualidade para idosas pode ser sentir-se bem com seu corpo, aproveitando e cuidando dele – de si – unicamente para agradar a ela própria, utilizando, para isto, de maquiagens, cosméticos, roupas, dentre outros meios.<sup>5</sup>

## **CONCLUSÃO**

Enquanto o corpo da idosa for algo a ser escondido, algo de que se deva envergonhar, um objeto sem valia, a vida sexual, necessária para a boa qualidade de vida de todo ser humano, não será vivenciada em sua plenitude. Esse corpo precisa estar em pauta, pois, apesar de a sexualidade não se ater aos limites corporais, a repressão sobre o corpo feminino pode limitar a vivência da sexualidade de idosas. Deve-se, então, confrontar as forças instituídas, a fim de trazer à consciência dos sujeitos os mecanismos de controle que os enlaçam, fazendo, muitas vezes, com que sejam coniventes com a

própria repressão, e debatê-los de forma incessante, a fim de empoderar as mulheres idosas.

A partir deste estudo, pode-se perceber que através da busca por igualdade de gênero, o corpo biológico – carregado de normas ditadas por sociedades – pode desprender-se de tais ditos. A relevância disso está na possibilidade de que as mulheres abranjam seus horizontes, modifiquem sua forma de olhar o mundo e a si, na vivência do corpo e da sexualidade na velhice. O contato com um discurso diferenciado daquele instituído prepara as idosas para lidar com o assunto diante de outras mulheres, proporcionando o empoderamento destas, e, assim, o provável advento de comportamentos que conduzem à luta pela igualdade, ao respeito de escolhas. Passam a tornar-se sujeitos realizadores de seus desejos, vontades e prazeres, não permitindo que mecanismos de controle os limitem pelas condições físicas ou idade que possuem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5-Bordo SR. O Corpo e a Reprodução da Feminidade: uma apropriação feminista de Foucault In: Jaggar AM, Bordo SR, editoras. Freitas BL, tradutora. Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos; 1997

4-Debert G, Brigeiro M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso). 2012; 27: 37-54.

3-Dimen M. Poder, sexualidade e intimidade In: Jaggar AM, Bordo SR, editoras. Freitas BL, tradutora. Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos; 1997.

1-Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23ª ed. Petrópolis: Vozes; 2002.

2-Pinto CRJ. Feminismo, História e Poder. Revista de Sociologia e Política. 2010; 18: 15-23.